

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

***Cyanopsitta spixii* (Wagler, 1832)**

**Autoria**

Helder Farias Pereira de Araújo; Alexandre Mendes Fernandes; Antonio Emanuel Barreto Alves de Sousa; Angélica Midori Sugieda; Caio Graco Machado Santos; Diego Mendes Lima; Edson Ribeiro Luiz; Erich de Freitas Mariano; Érika Machado Costa Lima; Fabiane Fileto Dias; Fabio de Paiva Nunes; Gabriela Silva Ribeiro Gonçalves; Juan Manuel Ruiz-Esparza Aguilar; Marcos Persio Dantas Santos; Márcio Amorim Efe; Natalia da Mata Luchetti; Rafael Dantas Lima; Thiago Filadelfo Miranda; Túlio Dornas; Weber Andrade de Girão e Silva; Yuri Marinho Valença

**Como citar**

Araújo, H.F.P.; Fernandes, A.M.; Sousa, A.E.B.A.; Sugieda, A.M.; Santos, C.G.M.; Lima, D.M.; Luiz, E.R.; Mariano, E.F.; Lima, É.M.C.; Dias, F.F.; Nunes, F.P.; Gonçalves, G.S.R.; Aguilar, J.M.R.; Santos, M.P.D.; Efe, M.A.; Luchetti, N.M.; Lima, R.D.; Miranda, T.F.; Dornas, T.; Silva, W.A.G.E.; Valença, Y.M. 2025. *Cyanopsitta spixii*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade - SALVE. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br> - Acesso em: 21 de May. de 2025.

**Categoria: Criticamente em Perigo (CR)**

Data da categoria: 18/10/2024

Ano da publicação: 2025

**Justificativa**

*Cyanopsitta spixii* é espécie endêmica do Nordeste do Brasil, com distribuição histórica ao longo do rio São Francisco, no sertão da Bahia e Pernambuco. Foram percorridos mais de 55.000 km desde 1990 e embora não tenha sido feitos registros, ainda existe dúvida sobre a existência de indivíduos na natureza. Se existir uma população remanescente, esta será certamente menor que 50 indivíduos maduros. Em 2022, foram reintroduzidos 20 indivíduos; houve eventos reprodutivos, mas ainda não há prole viável. Desta forma, *C. spixii* foi categorizada como Criticamente em Perigo (Possivelmente Extinta) (CR), pelo critério D.

**Classificação Taxonômica**

Reino: Animalia

Autor: Ciro Albano

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Gênero: *Cyanopsitta*

Espécie: *Cyanopsitta spixii*

**Nomes Comuns**

- Guacamayo de Spix (Espanhol)

- Spix's Macaw (Inglês)

- ararinha-azul (Português)

## Nomes Antigos

- *Sittace spixii* Wagler, 1832

## Notas Taxonômicas e Morfológicas

A espécie foi descoberta e primeiramente coletada pelo naturalista austríaco, Johann Baptist Ritter von Spix, em abril de 1819, na região de Juazeiro, Bahia, e assumida como um representante de *Anodorhynchus hyacinthinus*. Entretanto, subsequentemente foi descrita como uma nova espécie, por Johann Wagler, em 1832, atribuindo o nome *Sittace spixii*. O gênero *Cyanopsitta* foi estabelecido mais tarde por Bonarpate, sendo largamente utilizado pela maioria das autoridades taxonômicas, embora em alguns casos tenha sido atribuídas ao gênero *Ara* (Sharpe *et al.*, 2022). Análises moleculares confirmaram a condição de gênero válido de *Cyanopsitta*, agrupando-o em um clado junto de *Anodorhynchus* (Sharpe *et al.*, 2022). A espécie é considerada monotípica (Grantsau, 2010; Pacheco *et al.*, 2021; Sharpe *et al.*, 2022).

## Notas morfológicas

Psitacídeo de médio porte, comprimento do corpo de 55 a 57 cm; pouco mais da metade do tamanho da arara azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) (Sick, 1997). A cauda é longa e as asas muito longas e estreitas; a plumagem predominante é azul, sendo as asas e cauda mais escuras, lados da cabeça por baixo do olho possui tons de cinza claros, loros e região perioftálmica nus; íris amarelo mostarda (Sick, 1997).

## Distribuição

**Endêmica do Brasil:** Sim

### Distribuição Global

A ocorrência histórica da espécie é confirmada para região do rio Curaçá e riacho Barra Grande-Melância, no município de Curaçá, nordeste da Bahia, onde os três últimos indivíduos desta espécie foram observados (Barros *et al.*, 2012). Três localidades adicionais são reconhecidas como parte da área de distribuição histórica de *C. spixii*, tendo em vista fortes evidências de ocorrência recente: riacho da Vargem, nos municípios de Abaré e Chorrochó (Bahia); riacho Macururé, no município de Macururé, e riacho da Brígida, nos municípios de Orocó e Parnamirim, sendo este o único sítio de ocorrência histórica conhecido a norte do rio São Francisco, em Pernambuco (Yamashita, 2002; Barros & Bianchi, 2008). Relatos de traficantes e moradores locais reforçavam que *C. spixii* ocorria também à margem norte do rio, mas que a supressão total da vegetação natural naquela região teria levado a espécie a se deslocar para o lado sul (Barros *et al.*, 2012). Espécime depositado na coleção ornitológica do Museu Nacional do Rio de Janeiro indica uma ocorrência histórica na região de Santo Sé, norte da Bahia, hoje tomada pelo reservatório da UHE Sobradinho.

Com a consolidação do projeto de reintrodução da espécie, 20 indivíduos foram liberados em 2022, em áreas de Caatinga, nos vales do rio Curaçá, riacho da Vargem e riacho Melância, no nordeste da Bahia (Purchase *et al.*, 2024). Presume-se que o grupo reintroduzido possa fazer uso de uma área de aproximadamente 120 mil hectares, correspondente aos limites do Refúgio de Vida Silvestre da Ararinha Azul e da Área de Proteção Ambiental Ararinha Azul (Sharpe *et al.*, 2022; Purchase *et al.*, 2024).

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

**Estados** (distribuição atual)

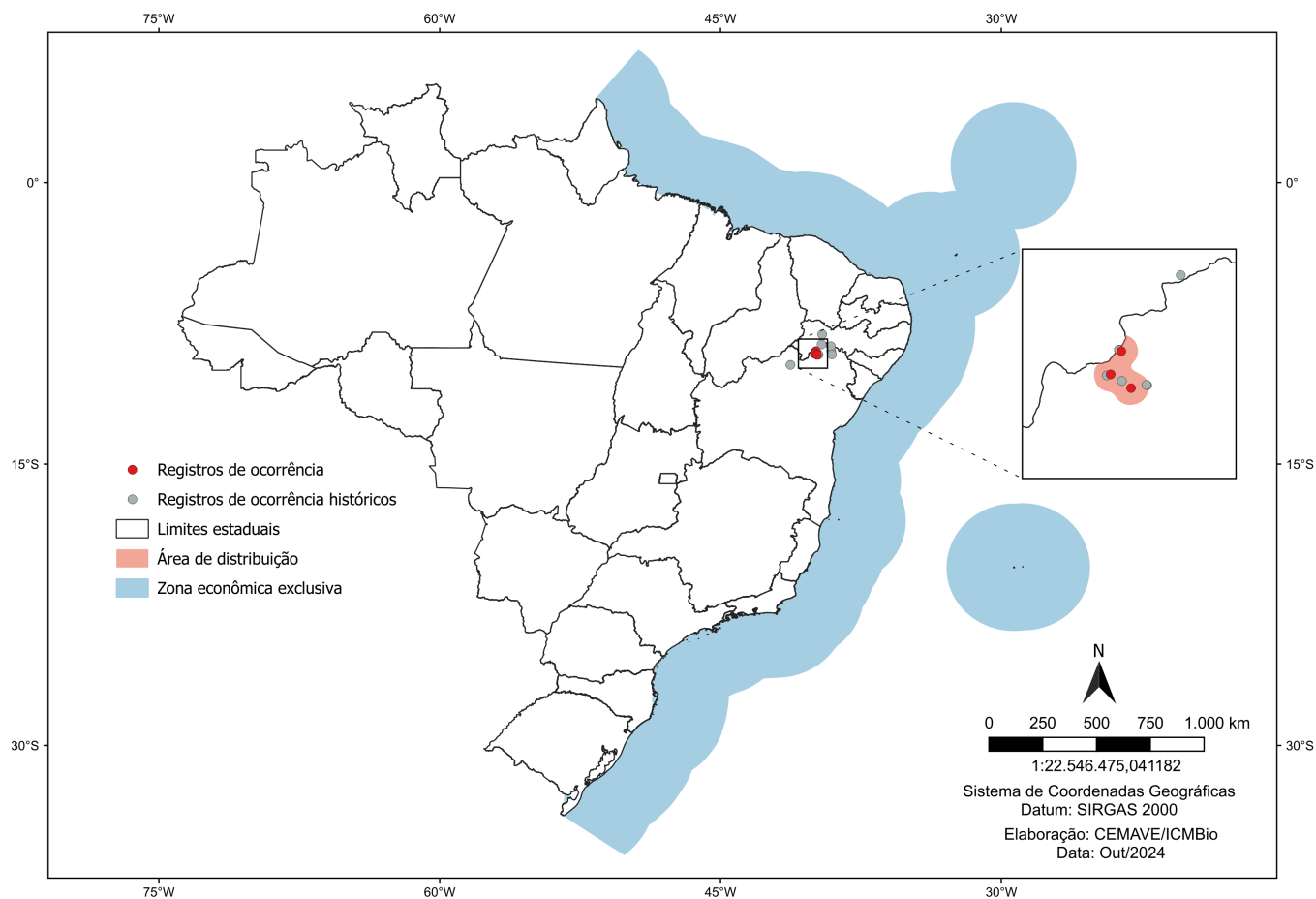
Bahia

**Biomass** (distribuição atual)

Caatinga

**Bacias Hidrográficas** (distribuição atual)

Sub-bacia São Francisco Médio, Sub-bacia São Francisco Submédio



## História Natural

**Espécie migratória?** Não

O habitat no qual a última população de *C. spixii* foi encontrada são matas de galeria dominadas por carabeiras (*Tabebuia aurea*) ao longo de riachos sazonais (Juniper & Yamashita, 1991). Embora as

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

observações da única população livre conhecida indiquem que esta espécie é especialista de habitat, especula-se que a ararinha-azul pode ter sido menos especialista do que se costumava acreditar. As caraibeiras eram utilizadas para repouso, nidificação e obtenção de alimento. Dados históricos e observações do último exemplar selvagem indicam que a espécie pernoitava em cactáceas de grande porte conhecidas como facheiros (*Pilocereus piauhiensis*), provavelmente para proteção (Yamashita, 2002; Barros & Bianchi, 2008). A dieta baseava-se em sementes de pinhão (*Jatropha molissima*), faveleira (*Cnidoscolus phylacanthus*), baraúna (*Schinops brasiliensis*) e marizeiro (*Geoffrea spinosa*) (Barros *et al.*, 2012).

Por sua vez, os resultados de monitoramento da população reintroduzida, entre 2022 e 2023, mostraram uma taxa de sobrevivência de 58,3% dos indivíduos, com 65% deles estabelecendo uma área estável de atividade em um raio de 5 km do local de soltura, sendo que alguns indivíduos se deslocaram até 30 km em um dia, regressando ao local de soltura, supostamente para inspeção de árvores para nidificação (Purchase *et al.*, 2024). Cerca de 85% dos indivíduos soltos exibiram comportamento de coesão de bando, mantendo interações e integração com grupos selvagens e também reintroduzidos de *Primolius maracana*; as ararinhas-azuis acompanhavam bandos de *P. maracana*, sistematicamente, as quais atuaram como mentores, apresentando as diferentes espécies de frutos da região as ararinhas-azuis, que gradativamente, foram as incorporando à dieta da espécie em vida livre (Purchase *et al.*, 2024). Foram constatadas a predação de pelo menos 5 indivíduos, sendo um indivíduo capturado por um gavião-pernilongo (*Geranospiza caerulescens*) e outro por um gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*) (Purchase *et al.*, 2024).

## Reprodução

O período reprodutivo estava diretamente relacionado ao regime das chuvas, estendendo-se geralmente de outubro a março. Os ninhos eram estabelecidos em ocos abandonados de pica-paus (*Campephilus melanoleucos*) ou ocos naturais formados pela quebra de galhos (Yamashita, 2002; Barros & Bianchi, 2008). Em vida livre estima-se que vivam entre 20 a 30 anos. Em cativeiro, a ave mais velha conhecida morreu em 25 de junho de 2014, aproximadamente aos 40 anos, entretanto, esta ave nunca teve sucesso reprodutivo e não está representada na população em cativeiro.

Com relação a população reintroduzida em 2022, estudos de monitoramento observaram a formação de seis pares heterossexuais, dos quais quatro ocuparam caixas-ninho. Destes quatro casais, dois casais se separaram devido à morte de um parceiro antes da postura dos ovos e outros dois pares ocuparam ninhos, com apenas um casal colocando ovos. A primeira ninhada deste casal heterossexual consistiu em três ovos inférteis, enquanto a segunda ninhada teve um ovo infértil e dois ovos férteis, os quais eclodiram e os filhotes foram criados com sucesso até a idade de emplumar (Purchase *et al.*, 2024). Em seguida, um dos filhotes morreu ainda dentro da caixa-ninho e o segundo conseguiu abandonar o ninho, porém foi encontrado morto alguns dias depois (Purchase *et al.*, 2024). Este foi o primeiro evento de reprodução de indivíduos de cativeiro *C. spixii* em vida livre, após os procedimentos de reintrodução.

## População

**Tempo geracional:** 6,8000 Ano(s)

**Método de cálculo tempo geracional**

Tempo geracional calculado em Bird *et al.* (2020).

**Tendência populacional:** Desconhecida

### Observações sobre a população

Desde sua descoberta por Spix e Martius em 1819, poucos foram os registros da ararinha-azul. Estima-se que sua população seria composta, no início do século passado, por aproximadamente 30 pares. Em 1986, a espécie foi redescoberta na natureza por Paul Roth, com a localização dos três últimos exemplares selvagens em Curaçá, Bahia. Em 1990, foi encontrado um último exemplar remanescente neste local, que desapareceu em outubro de 2000 (Yamashita, 2002; Barros & Bianchi, 2008). O Programa de Cativeiro da ararinha-azul apresentava 179 indivíduos em cativeiro, em 2020, distribuídos entre a Fazenda Cachoeira, no Brasil e a *Association for the Conservation of Threatened Parrots* (ACTP) na Alemanha, sendo que desde 2018 a *Al Wabra Wildlife Preservation* (AWWP) transferiu seu plantel para ACTP (Lugarini, 2020). Além disso, são conhecidas 17 aves em criadores particulares na Suíça. Procedimentos de inseminação artificial bem sucedidos realizada pela AWWP, em 2013, obteve o nascimento de 16 filhotes neste criadouro em 2015.

Após o desaparecimento do último exemplar livre conhecido, foram realizadas expedições para a busca de possíveis populações remanescentes de ararinhas-azuis. Segundo Barros *et al.* (2012) foram percorridos 55.000 km nos locais de distribuição histórica e de ocorrência potencial da espécie, baseando-se nos conhecimentos de requerimentos de habitat e nas informações de moradores locais, sem haver registro de novos indivíduos. Em 2013, foram percorridos mais 230 km de estradas vicinais no município de Santa Maria da Boa Vista, Pernambuco, área indicada por Marcus Da Ré como de provável existência da ararinha. José Silveira da UNIVASF fez expedições na Serra das Confusões, assim como Yara Barros, Pedro Scherer e Ricardo Bonfim Machado. Eles não encontraram nenhum habitat que parecesse ser interessante para a ararinha-azul. Marcos Pérsio, dentro do projeto “Diagnóstico e análise de viabilidade populacional das aves endêmicas e ameaçadas da Caatinga presente no PARNA da Serra da Capivara, PARNA da Serra das Confusões e PARNA de Sete Cidades no estado do Piauí”, não encontrou remanescentes de ararinhas.

Monalyssa Camandaroba e Ryan Watson entrevistaram antigos caçadores e com base nas informações fornecidas, não há nenhuma razão para acreditar que eles sabem algo sobre remanescentes de ararinhas. Além disso, na primeira semana de outubro de 2013, Monalyssa e Ryan fretaram um pequeno avião a fim de fazer um levantamento aéreo na Caatinga da Bahia e Pernambuco. Nesta época do ano, as caribeiras estão floridas, tornando-as muito fácil de ver. Seu objetivo era examinar as zonas ribeirinhas e comparar a qualidade de habitat ao que é encontrado na área de Curaçá, baseado na abundância de caribeiras maduras. Pelo que viram, a área de Curaçá, especificamente os riachos que alimentam o Riacho Barra Grande (como o riacho da Melancia), tem o melhor habitat ciliar na região.

O grupo assessor do Plano de Ação Nacional (PAN) para a conservação da Ararinha-azul considera remota

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

a possibilidade de haver remanescentes de ararinha, e ainda que exista uma população remanescente, esta é considerada menor que 50 indivíduos maduros. Entretanto, em junho de 2016, uma ave bastante semelhante à ararinha-azul foi filmada em Curaçá, o que poderia ser o primeiro registro confirmado desde 2000. Entretanto, a identificação precisa da espécie não foi possível e, mesmo que seja *C. spixii*, é possível que o exemplar seja oriundo de soltura ou escape de cativeiro ilegal.

Com advento do projeto de reintrodução de ararinhas-azuis em 2022, houve a soltura de 20 indivíduos na região de Curaçá, oriundos de cativeiro, dos quais cinco foram predados e outros dois foram perdidos os contatos; a formação de casais ativos, com uso das caixa-ninhos, cópula, postura e incubação dos ovos e desenvolvimento dos filhotes, sugerem a possibilidade de incremento do contingente populacional a médio e longo prazos, embora os dois primeiros filhotes nascidos da população reintroduzida não terem sobrevivido (Purchase *et al.*, 2024). Análises de Viabilidade Populacional (MVP) demonstraram que a reintrodução da ararinha-azul necessitaria da soltura de pelo menos 20 indivíduos, acompanhados da soltura anual de outros indivíduos de cativeiro, por pelo menos 20 anos, combinado com trabalhos de recuperação do habitat da espécie (Vercillo *et al.*, 2023). Ao final de 100 anos existe a possibilidade da população reintroduzida atingir um total de quase 830 indivíduos (Vercillo *et al.*, 2023). Em cenário de catástrofe (doenças ou seca extrema) seguido de remoção de indivíduos, o AVP indicou a extinção da população reintroduzida em até 100 anos, contudo, este mesmo cenário acompanhado da adição de 20 indivíduos, em um período de 20 anos, demonstra 100% de chances de persistência da taxa de crescimento populacional ao longo de 100 anos, e portanto, a manutenção dos 830 indivíduos previstos (Vercillo *et al.*, 2023).

### Ameaças

O declínio da espécie foi atribuído a dois fatores principais: destruição de habitat e captura para comércio ilegal (Juniper & Yamashita, 1991; Bampi & Da-Ré, 1994).

A destruição em larga escala do habitat específico, do qual a espécie aparentemente dependia, ocorreu devido à ocupação humana. O fogo foi a ferramenta mais utilizada para preparar o pasto por mais de trezentos anos, devastando as matas ciliares e de galeria. O corte de madeira, coleta de lenha e sobrepastoreio, práticas antigas na região, também contribuíram para a destruição do habitat. As margens de riachos são altamente valorizadas pelos agricultores, especialmente para lavouras de milho (Juniper & Yamashita, 1991). A maior parte das habitações humanas tem sido estabelecida ao longo dos rios e riachos, aumentando ainda mais a pressão sobre as matas ciliares e de galeria (Juniper & Yamashita, 1991).

Roth (1989), citado em Barros *et al.*, (2012), acreditava que as matas ciliares e de galeria já se estenderam por 50 km de cada lado do rio São Francisco. Contudo, na época em que a última ave selvagem foi encontrada, parecia haver apenas duas pequenas manchas remanescentes ao sul do rio (Juniper & Yamashita, 1991). É possível que a construção da barragem de Sobradinho, na década de 70, também tenha gerado perda de habitat de *C. spixii*. A barragem, localizada 35 km rio acima de Juazeiro, criou um imenso reservatório em termos de área alagada (4.225 km<sup>2</sup>), inundando o vale do São Francisco por dezenas de quilômetros, destruindo qualquer habitat potencial da ararinha-azul na região (Juniper & Yamashita, 1991).



Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

A construção desta e de outras usinas hidrelétricas também levou à instalação de linhas de transmissão, inserindo no ambiente mais uma ameaça à ararinha-azul (Barros *et al.*, 2012).

A captura ilegal de *C. spixii*, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, foi determinante para a atual condição da espécie. A maioria dessas aves foi fornecida a colecionadores por apenas dois traficantes: entre 1977 e 1985, um deles comercializou 15 araras, sendo 13 adultas; entre 1984 e 1987, o outro traficante capturou e vendeu oito aves (quatro adultas, duas jovens e dois ninhegos). Ambos informaram que todos esses exemplares foram originários das proximidades de Curaçá (Barros *et al.*, 2012). Outra ameaça bastante destacada é a presença de abelhas africanizadas que podem expulsar os adultos das cavidades onde a espécie utiliza como ninho para estabelecerem suas colmeias, diminuindo a possibilidade de sucesso reprodutivo da espécie (Barros *et al.*, 2012).

Com relação a população reintroduzida em 2022, uma das principais ameaçadas ao restabelecimento da espécie é a degradação e perda da qualidade habitat, representada na exploração madeireira das matas ciliares e de galeria dos principais cursos d'água da região, além do pastoreio extensivo da caprino, ovino e bovinocultura na região (Lugarini *et al.*, 2021). A captura e o tráfico também são ameaças temidas para a população reintroduzida (Lugarini *et al.*, 2021). A população de 20 indivíduos introduzidos teria uma probabilidade de 1% de extinção em um período de 100 anos, segundo cálculos de Análises de Viabilidade Populacional (AVP) (Vercillo *et al.*, 2023).

| Tipo de Ameaça  | Referência Bibliográfica                                     |
|---|--|
| 1 - Desenvolvimento residencial e comercial<br>1.1 - Expansão urbana  | Barros <i>et al.</i> , 2012                                  |
| 2 - Agropecuária e Aquacultura<br>2.2 - Silvicultura<br>2.2.3 - Plantações em escala desconhecida   | Barros <i>et al.</i> , 2012<br>Lugarini <i>et al.</i> , 2021 |
| 2 - Agropecuária e Aquacultura<br>2.3 - Pecuária<br>2.3.4 - Pecuária em escala desconhecida   | Barros <i>et al.</i> , 2012                                  |
| 3 - Produção energética e mineração<br>3.2 - Mineração  | Barros <i>et al.</i> , 2012                                  |
| 5 - Uso de recursos biológicos<br>5.1 - Caça e captura de animais terrestres ou marinhos<br>5.1.1 - Caça/captura intencional (a espécie é o alvo)<br>5.1.1.2 - Comercial - Nacional/Local | Barros <i>et al.</i> , 2012<br>Juniper & Yamashita, 1991     |
| 5 - Uso de recursos biológicos<br>5.1 - Caça e captura de animais terrestres ou marinhos<br>5.1.1 - Caça/captura intencional (a espécie é o alvo)<br>5.1.1.3 - Comercial - Internacional  | Barros <i>et al.</i> , 2012<br>Juniper & Yamashita, 1991     |
| 7 - Modificações nos sistemas naturais<br>7.1 - Incêndios e supressão de incêndios<br>7.1.1 - Aumento da frequência/intensidade de incêndios  | Barros <i>et al.</i> , 2012                                  |

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

| Tipo de Ameaça  | Referência Bibliográfica                                 |
|---|--|
| 8 - Espécies invasoras, problemáticas e doenças<br>8.1 - Espécies exóticas<br>8.1.1 - Espécie conhecida<br>8.1.1.1 - Competidores | Barros <i>et al.</i> , 2012<br>Juniper & Yamashita, 1991 |
| 11 - Mudanças e extremos climáticos<br>11.1 - Mudança/alteração de habitat  | Barros <i>et al.</i> , 2012                              |

### Usos

A ararinha-azul é muito cobiçada por colecionadores que possuem criadouro de aves, sendo capturada para prática do xerimbabo e tráfico de animais (Barros *et al.*, 2012; Lugarini *et al.*, 2021).

| Tipo de Uso                          | Referência Bibliográfica |
|--------------------------------------|--------------------------|
| 3 - Animais de estimação/ornamentais |                          |

### Conservação

#### Histórico do processo de avaliação

| Tipo            | Ano  | Abrangência | Categoria                   | Critério | Referência bibliográfica  |
|-----------------|------|-------------|-----------------------------|----------|---|
| Nacional Brasil | 2024 |             | Criticamente em Perigo (CR) | D        |   |
| Nacional Brasil | 2019 |             | Criticamente em Perigo (CR) | D        | Araújo <i>et al.</i> , 2018   |
| Nacional Brasil | 2014 |             | Criticamente em Perigo (CR) | D        | Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, 2018<br>MMA, 2014 |
| Nacional Brasil | 2003 |             | Extinta na Natureza (EW)    |          | Barros & Bianchi, 2008<br>MMA, 2003   |
| Estadual        | 2017 | Bahia       | Criticamente em Perigo (CR) |          | SEMA-BA, 2017   |
| Global          | 2019 |             | Extinta na Natureza (EW)    |          |   |



Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

| Tipo                                      | Ano  | Abrangência | Categoria                   | Critério | Referência bibliográfica |
|---|------|-------------|-----------------------------|----------|--------------------------|
| Global                                    | 2018 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 2016 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 2015 |             | Criticamente em Perigo (CR) | D        |                          |
| Global                                    | 2014 |             | Criticamente em Perigo (CR) | D        |                          |
| Global                                    | 2013 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 2012 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 2010 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 2009 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 2008 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 2004 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 2002 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 2000 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 1996 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 1994 |             | Criticamente em Perigo (CR) |          |                          |
| Global                                    | 1988 |             | T *                         |          |                          |
| * Categoria não utilizada no método IUCN. |      |             |                             |          |                          |

**Presença em lista nacional oficial vigente?** Sim

**Presença em Convenção**

| Convenção  | Ano |
|--|-----|
| CITES - Anexo I  |     |
| Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção 2014 |     |

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

| Convenção  | Ano |
|--|-----|
| Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção 2022 |     |

#### Ações de Conservação

| Ação  | Situação              | Referência Bibliográfica |
|---|-----------------------|--------------------------|
| 7.1 - Plano de Ação Nacional (PAN)                                    | Em execução/existente |                          |
| Plano de Ação Nacional para a Conservação da Ararinha-azul - 2º ciclo |                       |                          |
| 7.1 - Plano de Ação Nacional (PAN)                                    | Concluída             |                          |
| Plano de Ação Nacional para a Conservação da Ararinha-azul            |                       |                          |
| 3.4 - Conservação ex-situ   | Em execução/existente |                          |
| 4.3 - Conscientização/comunicação                                     | Em execução/existente |                          |
| 3.2 - Recuperação de espécies   | Em execução/existente |                          |

#### Presença em áreas protegidas (UC/TI)

Até anteriormente a reintrodução da espécie, em 2022, não havia Unidades de Conservação criadas nos limites de ocorrência das populações selvagens remanescentes das décadas de 1990 e 2000. Contudo, duas unidades de conservação foram criadas em 2018: Área de Proteção Ambiental da Ararinha-azul, com 120 mil hectares e Refúgio de Vida Silvestre da Ararinha-azul, com 30 mil hectares, onde foram realizadas as soltura dos 20 indivíduos reintroduzidos e onde se farão as subseqüentes solturas previstas para os próximos anos (Lugarini *et al.*, 2021; Purchase *et al.*, 2024).

| Áreas protegidas (UC/TI) | Referência Bibliográfica      |
|--------------------------|-------------------------------|
| <b>Federais</b>          |                               |
| APA da Ararinha Azul     | Purchase <i>et al.</i> , 2024 |
| Revis da Ararinha Azul   | Purchase <i>et al.</i> , 2024 |

### Pesquisa

As pesquisas a respeito de *Cyanopsitta spixii* vem sendo desenvolvidas desde a década de 1990 quando foi notado a existência de um único indivíduo da espécie e a decisão do estabelecimento de um projeto de reintrodução da espécie. Desde então se passaram quase 35 anos, período no qual uma gama enorme de trabalhos de pesquisas relacionados a espécie foi executado, em diferentes frentes de abordagem: monitoramento populacional, caracterização ambiental do habitat, caracterização genética da população global em cativeiro, análises de viabilidade populacional medindo risco de extinção da população reintroduzida, seleção de áreas habilitadas para estabelecimentos de unidades de conservação, dentre outras (Lugarini *et al.*, 2021).

Os estudos genéticos mais antigos demonstraram que as populações iniciais de cativeiro apresentavam uma baixa variabilidade genética, a perda de diversidade de alelos e o alto grau de parentesco (Caparroz *et al.*,

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

2001; Presti *et al.*, 2011; Monteiro, 2015). Com cruzamento de indivíduos de diferentes matrizes e por meio de inseminação artificial foram atingidas as metas de variabilidade genética adequada a ponto de se formar um plantel apto e passível de ser reintroduzido (Lugarini *et al.*, 2021).

Pesquisas sobre a definição da área de soltura da população reintroduzida culminou na criação de Refúgio de Vida Silvestres (REVIS) Ararinha-Azul e da Área de Proteção Ambiental (APA) Ararinha Azul (Lugarini *et al.*, 2021). A avaliação da presença e abundância de espécies de psitacídeos competidoras por alimentos e cavidades foram verificados na dissertação de mestrado "Densidade e estimativa populacional de psitacídeos e rapinantes nas áreas de ocorrência histórica da ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii* Wagler, 1832) (Silva, 2016).

A partir de 2022, com as concretização das ações de reintrodução de indivíduos da espécie se inicia um extensa pesquisa de monitoramento da população reintroduzida (Purchase *et al.*, 2024), buscando i) avaliar a integração da espécie com bandos de *Primolius maracana*, no intuito de formar grupo heteroespecífico coesos a partir de eventos de soltura envolvendo as duas espécies, ii) quantificar nível de coesão dos grupos de soltura, fidelidade e sobrevivência ao local de soltura, iii) e ainda envolver as comunidades locais nas ações de monitoramento da espécie e de seu habitat. Adicionalmente foi realizada pesquisa de Análise de Viabilidade Populacional (AVP) da espécie, cujos resultados apresentaram os melhores cenários e condições ambientais para a população reintroduzida de Ararinha-azul possa se fixar de forma permanente, não atingindo a extinção dentro dos próximos 100 anos (Vercillo *et al.*, 2023).

| Tema                       | Situação     | Referência Bibliográfica  |
|----------------------------|--------------|---|
| Genética                   | Realizada    | Lugarini <i>et al.</i> , 2021<br>Caparroz <i>et al.</i> , 2001<br>Presti <i>et al.</i> , 2011<br>Monteiro, 2015 |
| Monitoramento populacional | Em Andamento | Purchase <i>et al.</i> , 2024   |
| Ecologia                   | Realizada    | Silva, 2016   |
| Conservação                | Em Andamento | Vercillo <i>et al.</i> , 2023   |

Equipe Técnica

Angélica Midori Sugieda, Diego Mendes Lima, Érika Machado Costa Lima, Fabiane Fileto Dias, Murilo Sérgio Arantes, Natalia da Mata Luchetti, Túlio Dornas

Avaliadores

Alexandre Mendes Fernandes, Antonio Emanuel Barreto Alves de Sousa, Caio Graco Machado Santos, Diego Mendes Lima, Edson Ribeiro Luiz, Erich de Freitas Mariano, Fabio de Paiva Nunes, Gabriela Silva Ribeiro Gonçalves, Helder Farias Pereira de Araújo, Juan Manuel Ruiz-esparza Aguilar, Marcos Persio Dantas Santos, Márcio Amorim Efe, Rafael Dantas Lima, Thiago Filadelfo Miranda, Weber Andrade de Girão E Silva, Yuri Marinho Valença, Érika Machado Costa Lima



Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

| Validadores   |
|---|
| Carla Natacha Marcolino Polaz, Marcelo Antonio Amaro Pinheiro |

## Referências Bibliográficas

---

Araújo, H.F.P., Sousa, A.E.B.A., Santos, C.G.M., Lima, D.M., Nunes, F.P., Aguilar, J.M.R., França, L.F., Santos, M.P.D., Efe, M.A., Neves, R.M.L., Neto, S.D. & Silva, W.A.G.E. (2018) *Cyanopsitta spixii* (Wagler, 1832). Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio.

Bampi, M.I. Da-Ré, M. (1994) Recovery program for the Spix's Macaw (*Cyanopsitta spixii*): conservation in the wild and reintroduction program . In: International Loro Parque Parrot Convention (ed.) *International Loro Parque Parrot Convention*

Barros, Y.M. Bianchi, C.A. (2008) *Cyanopsitta spixii* (Wagler, 1832) In: Machado, Drummond & Paglia (eds.) *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Brasília - DF, Belo Horizonte - MG, Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas, pp. 471--472.

Barros, Y.M., Soye, Y., Miyaki, C.Y., Watson, R. & Crosta, L. Lugarini, C. (2012) *Plano de ação nacional para a conservação da ararinha-azul: Cyanopsitta spixii* 148pp.

Bird, J.P., Martin, R., Akçakaya, H.R., Gilroy, J., Burfield, I.J., Garnett, S.T., Symes, A., Taylor, J., Sekercioglu, Ç.H. & Butchart, S.H. (2020) Generation lengths of the world's birds and their implications for extinction risk. *Conservation Biology*. 34 (5), 1252–1261.

Caparroz, R., Myiaki, C.Y. & Bampi, M.I. Wajntal, A. (2001) Analysis of the genetic variability in a sample of the remaining group of Spix's Macaw *Cyanopsitta spixii* (Psittaciformes: Aves) by DNA fingerprinting. *Biological Conservation*. 99, 307--311.

GBIF (2024) Global Biodiversity Information Facility. <https://www.gbif.org/>. [Acessado em: 01/jan/2024].

Grantsau, R.K.H. (2010) *Guia completo para a identificação das aves do Brasil. Parte I - Aves Não Passeriformes* Vento Verde, 624pp.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio (2018) *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III* Brasília, DF,

Juniper, T. & Yamashita, C. (1991) The habitat and status of Spix's Macaw *Cyanopsitta spixii*. *Bird Conservation International*. 1, 1--9.

Lugarini, C. (2020) *Gestão do Programa Ararinha na Natureza*. CEMAVE. 85pp.

Lugarini, C., Vercillo, U., Purchase, C, Watson, R. & Schischakin, N. (2021) A Conservação da Ararinha-azul, *Cyanopsitta spixii* (Wagler, 1832): Desafios e Conquistas. *Biodiversidade Brasileira - BioBrasil*. 11 (3), 1-16.

MMA 2014 *Portaria MMA nº 444 de 17 de dezembro de 2014: reconhece como espécies da fauna*

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

*brasileira ameaçadas de extinção aquelas constantes da "Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção".*

MMA 26/05/2003 *Instrução Normativa n° 003, de 26 de maio de 2003. Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção.*

Monteiro, R.S. (2015) *Isolamento de microssatélites e análise genética de ararinha-azul (Cyanopsitta spixii, Aves, Psittaciformes)*. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Genética), Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. 29pp.

Pacheco, J.F., Silveira, L.F., Aleixo, A., Agne, C.E., Bencke, G.A., Bravo, G.A., Brito, G.R.R., Cohn-Haft, M., Maurício, G.N., Naka, L.N., Olmos, F., Posso, S., Lees, A.C., Figueiredo, L.F.A., Carrano, E., Guedes, R.C., Cesari, E., Franz, I., Schunck, F. & Piacentini, V.Q. (2021) Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee - second edition. *Ornithology Research*. 29 (2), 1-123.

Presti, F.T., Oliveira-Marques, A.R., Caparroz, R. & Biondo, C. Myiaki, C.Y. (2011) Comparative analysis of microsatellite variability in five macaw species (Psittaciformes, Psittacidae): application for conservation. *Genetics and Molecular Biology*. 34, 348--352.

Purchase, C. P., Lugarini, C., Purchase, C., Ferreira, A., Vercillo, U. E., Stafford, M. L. & White, T. H. (2024) Reintroduction of the Extinct-in-the-Wild Spix's Macaw (*Cyanopsitta spixii*) in the Caatinga Forest Domain of Brazil. *Diversity*. 16 (2), 80.

SEMA-BA 2017 *Secretaria do Meio Ambiente - Governo do Estado da Bahia. Portaria n° 37 de 15 de agosto de 2017. Torna pública a Lista Oficial das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção do Estado da Bahia. Diário Oficial do Estado – BA.*

Sharpe, C. J., Kirwan, G. M., Collar, N. & Boesman, P. F. D. (2022) Spix's Macaw (*Cyanopsitta spixii*), versão 2.1. Em *Birds of the World* (GM Kirwan, Editor). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, EUA. <https://doi.org/10.2173/bow.spimac1.02.1>. [Acessado em: 09/jun/2024].

SiBBr (2024) Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. <https://sibbr.gov.br/>.

Sick, H. (1997) *Ornitologia brasileira. 3ª Impressão* Edição 3 Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 912pp.

Silva, C. L. G. (2016) *Densidade e uso de habitat de psitacídeos na área de ocorrência histórica da extinta ararinha-azul*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. Areia. 61pp.

Silveira, L.F. & Straube, F.C. (2008) Aves ameaçadas de extinção no Brasil In: Machado *et al.* (eds.) *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas, p. 1420.

Soye, Y. Barros, Y.M. (2004) *Saving the Spix's Macaw Cyanopsitta spixii - a Captive Management and*





Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Processo de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira

*Species Recovery Handbook* Relatório Técnico. Ibama/Loro Parque Fundación, 34pp.

Vercillo, U., Oliveira-Santos, L. G., Novaes, M., Purchase, C., Purchase, C., Lugarini, C., Ferreira, A., De Marco, P., Vladislav, M. & Franco, J. L. (2023) Spix's Macaw *Cyanopsitta spixii* (Wagler, 1832) population viability analysis. *Bird Conservation International*. 33, 1-12.

WikiAves (2024) WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil. <https://www.wikiaves.com.br>. [Acessado em: 01/jan/2024].

Yamashita, C. (2002) Histórico comentado sobre a arara-azul-de-spix (*Cyanopsitta spixii*), um especialista de habitat da Caatinga In: Galetti & Pizo (eds.) *Ecologia e conservação de psitacídeos no Brasil*. Melopsittacus Publicações Científicas. 236p., pp. 229--235.